



Incentivo à Leitura e Contação de Histórias



- ✓ Como promover a leitura na escola
- ✓ Sugestões de práticas leitoras
- ✓ Como treinar ritmo, pausa, olhar e gesto
- e muito mais!



“

Eu me pergunto para que serve a biblioteca, o que é a biblioteca. Muitas vezes, as pessoas acham que a biblioteca tinha que ser um lugar como se fosse uma feira, uma festa, alegre, que atraísse todo mundo. Creio que a biblioteca precisa ser um lugar de recolhimento, um lugar bem-vindo, agradável, onde vou para estar, para ler, para encontrar-me, recolher-me, refletir, silenciar, imaginar... um lugar que vou para, acima de tudo, me sentir bem comigo e poder perguntar sobre mim e sobre a vida.

Luiz Percival de Leme Britto

”

A Biblioteca na formação do leitor

A biblioteca é lugar de livros. Lugar em que se reúnem livros, organizados segundo critérios de classificação, dentre os quais se destacam, mais frequentemente, o tema e o autor. O leitor, em função de suas necessidades e interesses, encontra lá textos para ler, fazer pesquisas e consultas, estudar. "Biblioteca (séc. XVII): edifício ou recinto onde ficam depositadas, ordenadas e catalogadas diversas coleções de livros, periódicos e outros documentos, que o público, sob certas condições, pode consultar no local ou levar de empréstimo para devolução posterior".

A biblioteca, percebida como lugar de encontro da gente com arte, com ciência, filosofia, histó-

ria, lugar social, político, não é, de modo nenhum, um lugar neutro. É um lugar incomum, lugar que seleciona e exige, que pressupõe uma pessoa capaz de operar com discursos complexos e distante das formas e saberes aprendidos na vida prática; disposta a deixar-se estar sem tanta pressa, a compenetrar-se, a experimentar-se o silêncio.

Há muitos lugares ruidosos e divertidos em que se pode estar para entreter-se, lugares de alegre dispersão e riso, em que a pessoa se despreocupa, brinca e esquece. É bom que haja também algum lugar em que se possa pensar, imaginar, indagar vagarosamente os modos do mundo, da vida, da gente.



Biblioteca Escolar em Petrolina/PE organizada pelo IBS durante as ações do PDE/2019

A biblioteca moderna organiza-se de muitas formas, em função de sua finalidade, do lugar que ocupa, do público a que pretende atender. Mas, de todo modo, continua sendo o lugar de encontrar conhecimento em textos escritos e, pela leitura, fazer indagações sobre as coisas da vida, sobre o mundo. E, quanto mais a biblioteca prover o tipo de leitura que importa a seus

usuários e organizar-se em função disso, mais adequada será.

E, quanto mais for propositiva, for antecipando-se ao leitor e ampliando suas possibilidades, mais formativa será. No caso da biblioteca escolar, não pode ser diferente: ela existe porque a escola existe, e a escola existe porque existem crianças, jovens e adultos para ensinar e aprender.



A escola também é lugar de aprender coisas diferentes daquelas que se aprende fora da escola - coisas para a vida e o trabalho, para conhecer e participar. (Isso não quer dizer que a biblioteca escolar deva ser lugar de sofrimento e isolamento, de treino e repetição; ao contrário, aprendemos criando vínculos, produzindo identidades e reconhecimentos, indagando, criticando, criando).

Incentivo à leitura

Promovendo a leitura na biblioteca escolar

Articulada à função pedagógica da escola, a biblioteca escolar possui papel importante no desenvolvimento educacional do aluno. Porém, para que haja de fato efetivação desse papel, torna-se necessário o alinhamento e a colaboração entre coordenação, docentes, pais, bibliotecários e demais colaboradores presentes na comunidade escolar. A biblioteca escolar possui como principal público a comunidade de alunos da instituição em que se insere, o que significa a existência de diferentes grupos de usuários que, por sua vez, se encontram em diversos estágios de aprendizagem, indo da Educação Infantil ao Ensino Fundamental e Médio.



Libere sua criatividade. Deixe-se levar pela criança curiosa que há dentro de você e provoque os leitores, provoque a leitura, promova o prazer de ler o mundo. Ao contrário do que se vê, é necessário pôr em prática todas as estratégias de incentivo à leitura, a fim de aumentar a frequência na biblioteca escolar. Para promover a leitura, a pesquisa, a frequência, a troca de ideias, o interesse dos usuários (antigos e novos), são necessárias algumas medidas, tais como:

A biblioteca escolar deve funcionar como espaço privilegiado de formação - entendida como "o contínuo movimento de apropriação das objetações humanas produzidas ao longo da história". O bibliotecário a organizará de tal jeito que os estudantes, sob a orientação e com a participação de professores, encontrem possibilidades de estudo, pesquisa, descoberta, questionamento dos temas e conteúdo que estão aprendendo.

1ª) Proporcionar um agradável ambiente de leitura - com a criação de espaços agradáveis para o convívio com os livros e demais suportes de leitura e diversidade de linguagens, é possível oferecer ambiências de leitura. Para tanto, podemos utilizar:

- ✓ tapetes
- ✓ almofadas
- ✓ cadeiras confortáveis
- ✓ cestos com revistas e jornais
- ✓ baús com gibis e livros
- ✓ quadros
- ✓ cartazes com citações e frases de incentivo à leitura
- ✓ espaço colorido
- ✓ estante/prateleira com novidades

É preciso criar um ambiente adequado para ler ou ouvir com prazer uma boa história, discutir ideias e trocar experiências. Na verdade, é imprescindível mexer com o preestabelecido. Faz-se mister revitalizar o espaço da biblioteca escolar, a fim de permitir e, inclusive, incentivar a permanência dos usuários no local.



2º) Atualizar o acervo - é importante que a biblioteca escolar passe a ser seletiva e recuse livros impróprios (desatualizados ou medíocres), a fim de acomodar melhor um material que realmente tenha utilidade e urgência para o usuário.

Para atualizar e melhorar o acervo, é preciso solicitar a ajuda de todos: governo, direção da escola, comunidade, professores, alunos, funcionários e editoras. Todos podem e devem contribuir para a melhoria do acervo da biblioteca escolar, começando pela seleção do que é conveniente doar para o local. Tal doação não ocorrerá porque está atravancando a casa, mas porque será útil e despertará o interesse dos usuários.

Disponibilizar livros de qualidade também é imprescindível. Dessa forma, os usuários poderão escolher entre o que há de melhor e mais atual no mercado editorial. Assim será possível fazer a real democratização do conhecimento e da leitura. O usuário da biblioteca escolar deve ter acesso não apenas a livros didáticos (de qualidade), mas

também (e principalmente) a obras literárias clássicas (originais e/ou adaptadas) bem como a obras atuais. Revistas, jornais e histórias em quadrinhos também devem fazer parte do acervo da biblioteca escolar.

3º) Organizar o acervo - é imprescindível que o usuário possa manusear diversos tipos de livros e conhecer diferentes gêneros textuais. Para que seja possível fazer novas descobertas, o usuário deve poder procurar os livros nas estantes. dessa forma, ele irá não apenas encontrar os livros indicados pelos professores em sala de aula como também poderá descobrir um mundo de possibilidades de leitura.

A organização dos livros nas estantes deve ser facilitada por um sistema simples de catalogação - que deve ser um aliado dos usuários e não mais um empecilho entre o indivíduo e o acesso aos livros. O sistema de cores geralmente é o mais utilizado nas bibliotecas escolares. É preciso também reservar um espaço para a hemeroteca (seção das bibliotecas em que se colecionam jornais e revistas).

Apresentando a biblioteca a seu público

Aqui ressaltamos a importância da promoção de práticas leitoras realizadas por meio da biblioteca escolar, de forma que essas práticas estejam alicerçadas em uma educação reflexiva, que promova encantamento pela leitura, subsidiando o desenvolvimento de competências informacionais para além do ambiente escolar e com visão crítica.

Agora chegou a hora de pensarmos nas possibilidades de mediação da leitura a ser desenvolvidas nesses espaços. Para tanto, é preciso que a leitura seja compreendida para além da decodificação de palavras, bem como perceber que a mediação da leitura é um ato que provoca no

leitor a possibilidade de se encantar e se deslocar através do imaginário literário, descobrindo o mundo da leitura através do texto e para além do texto.



Atividade Literária na Biblioteca Escolar em Cascavel/CE



Sugestões de práticas leitoras e projetos que podem ser desenvolvidos

- **Conhecendo o acervo da biblioteca:** os alunos vão à biblioteca escolar e lá são recebidos pelo encarregado. Ele, tal qual um guia turístico, apresenta as seções de livros e indica pelo menos um exemplo de cada gênero, a fim de aguçar a curiosidade do usuário para os diferentes tipos de texto. Essa atividade proporciona ao usuário conhecer o acervo da biblioteca e auxilia a exploração do espaço durante o ano letivo.
- **Quem procura acha:** nesta atividade, o professor distribui algumas indicações de leituras, respeitando o sistema de catalogação da escola e solicita que os alunos as encontrem nas estantes. Isso promove autonomia aos usuários.

como um todo e possibilita a prática da pesquisa.

- **Troca-troca literário:** os alunos de uma turma levam livros de literatura usados e trocam com colegas de outra turma. O troca-troca é mediado pelo encarregado da biblioteca, que organiza o desenvolvimento da atividade. O educador poderá, antes da sessão de troca, fazer uma pequena introdução sobre a importância da atividade. Isso possibilita a socialização dos alunos e de suas leituras.
- **Na caixa-postal:** o professor solicita que os alunos escrevam cartas com teor crítico a respeito de leituras feitas na biblioteca em dias an-



Biblioteca IBS no projeto REMAR em Paraty Mirim/RJ

- **Deu rato na biblioteca:** os alunos são instigados pelo encarregado da biblioteca a achar livros antigos (de gêneros variados: romances, contos, crônicas, poesia, livros de arte, biografias etc.). Com os livros nas mãos, os usuários farão uma pesquisa mais aprofundada sobre a época em que aquele livro foi escrito, bem como seu autor e a obra. O resultado pode ficar registrado depois num mural dentro da biblioteca. Quem sabe sua biblioteca não possui um livro raro que será descoberto ou redescoberto pelos alunos?! Essa atividade proporciona a valorização do acervo

teriores. Nas cartas, os alunos indicam ou não indicam a leitura de tais livros e textos, argumentando, ou seja, apresentando justificativas que comprovem sua indicação. As cartas serão depositadas em grandes “caixas de correio” que serão confeccionadas pelos professores e alunos. Serão duas caixas: uma para leituras indicadas e outra para leituras não-indicadas. Essas caixas farão parte dos materiais da biblioteca. Isso estimula a produção de textos críticos, proporcionando ainda a percepção de tendências e gostos de leitura por parte dos alunos.



• **O meu, o seu, o nosso:** o professor pode solicitar que cada aluno compre um livro de uma lista apresentada por ele (ou do gosto de cada um). Os livros circularão pela turma em sistema de empréstimo, de forma que todos leiam os livros até o fim do ano letivo. Ao final, os livros serão doados para a biblioteca da escola, a fim de que todos tenham, no ano seguinte, acesso aos livros sem exceção.

• **Conheça minha história:** o professor (ou o encarregado da biblioteca) solicita que sejam escolhidas biografias de escritores, pintores, cientistas, artistas etc. Após a leitura, em duplas, das biografias, além de um dia de apresentação dos textos, os alunos produzirão suas próprias biografias. Essas biografias serão elaboradas em forma de livro, confeccionado artesanalmente pelos próprios alunos. Nesse momento da confecção, a criatividade será chamada à ação.

• **Projeto Bibliotecário Mirim:** é possível escolher um usuário que possua afinidade com a biblioteca e os livros e adotá-lo como um “bibliotecário mirim”. Uma vez feita a proposta e essa aceita, o aluno passará a frequentar a biblioteca fora de seu horário escolar, em períodos pré-determinados. A ideia é que o aluno aprenda a executar algumas das tarefas pertinentes à biblioteca e vá aprendendo mais de seu funcionamento com o gestor, que passará a atuar como um “tutor” do bibliotecário mirim. É importante que o gestor sempre acompanhe de perto os passos deste, principalmente os seus primeiros passos. Ele poderá iniciar gradativamente com os processos mais fáceis, como no auxílio de outros usuários e na organização do acervo nas estantes. Mais tarde, poderá efetuar o controle de empréstimo e após algum treino, poderá vir a executar outras tarefas mais complexas.

Materiais para pesquisa e estudo

Apostilas IBS, Projetos e ações de Incentivo à Leitura e escrita IBS

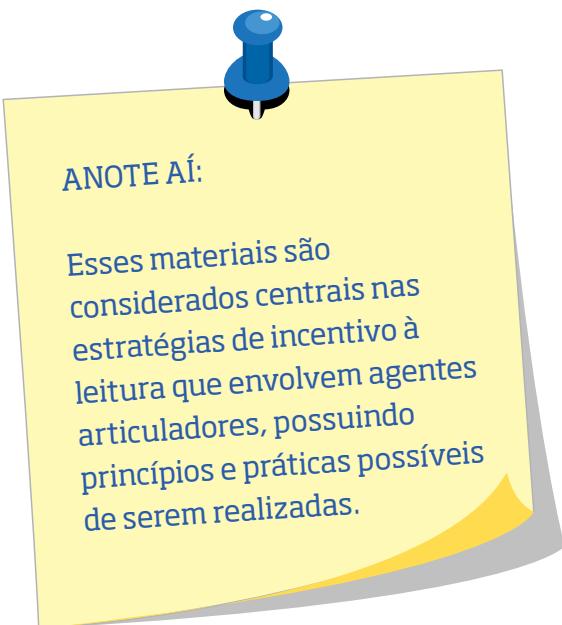
Apostilas de incentivo à leitura e escrita IBS:

- ✓ São João Literário
- ✓ 30 Minutos pela Leitura
- ✓ Contação de história
- ✓ Dicas de atividades
- ✓ Soletrando na Escola
- ✓ Foto escrita



Projetos de incentivo à leitura e escrita IBS:

- ✓ Anjos da Leitura
- ✓ Concurso de Leitura e escrita: redação, foto escrita, áudio escrita, maratona de leitura



ANOTE AÍ:

Esses materiais são considerados centrais nas estratégias de incentivo à leitura que envolvem agentes articuladores, possuindo princípios e práticas possíveis de serem realizadas.



Contação de Histórias

A contação de histórias é um momento mágico que envolve a todos que estão nesse momento de fantasia. Ao contar histórias, o professor estabelece com o aluno um clima de cumplicidade que os remete à época dos antigos contadores que, ao redor do fogo, contavam a uma plateia atenta às histórias, costumes e valores do seu povo. A plateia não se reúne mais em volta do fogo, mas, nas escolas, onde os contadores de história são os professores, elo entre o aluno e o livro. O ato de contar histórias é próprio do ser humano, e o professor pode apropriar-se dessa característica e transformar a contação em um importantíssimo recurso de formação do leitor. (PENNAC, 1993, p. 124).



Contação de histórias em Tianguá/CE

Ao contar histórias podemos dispor de uma gama variada de recursos. Regina Machado os diferencia em recursos internos (inerentes à pessoa) e externos (objetos, instrumentos e outros). Os recursos internos, para surpresa de alguns, todos possuem, precisam, apenas, ser trabalhados. Contadores de histórias, atores, radialistas, dubladores, palestrantes, vendedores, políticos e qualquer um que se relacione com um público,

seja ele de milhares de pessoas ou apenas uma possuem o que chamamos de presença. Eles não falam simplesmente diante de uma audiência, eles usam seus recursos primordiais (corpo e voz) para encantar, conquistar e até seduzir quem assiste.

Corpo e voz são os principais recursos de um contador de histórias e são divididos em recursos orais e físicos. Esta divisão é apenas para uma organização. É importante entender que todos

“

A presença é feita de intenção, ritmo e técnica. (...) Estar presente é saber incluir o acaso. (...) É dialogar com o que surgir, sem ter sido previsto, revertendo os acontecimentos a favor da história. (...)

Estar presente é poder presentear.

Regina Machado

”



eles estão ligados uns aos outros. Corpo e voz se relacionam, interferem e se afetam mutuamente. E vão se fazendo presentes, cada um a seu modo, no ato de contar, à medida que contamos. Novamente segundo Regina Machado, a história respira. Ao preparar uma história para ser contada, percebemos como essa respiração acontece e nos colocamos nela. É aí que usamos nossos recursos internos.



Intenção, ritmo e pausa

Sendo a fala o primeiro recurso de quem conta histórias (geralmente), é preciso saber usá-la adequadamente. Além do cuidado vocal, é preciso destacar os recursos técnicos.

Se a história respira e quem conta também, é preciso encontrar uma respiração conjunta. É ela que, a princípio, traz pausa, ritmo e intenção. Mas existe uma única maneira de respirar? Claro que não. Cada pessoa é diferente e executa as mesmas atividades de maneira diferente. O mesmo acontece quando se trata de histórias: nunca será igual. Sendo assim, uma história contada por vinte pessoas se transforma em vinte histórias.

Acontece muitas vezes de a narração de uma história acabar virando um espetáculo teatral. Existe, sim, uma linha muito tênue entre as duas formas, dependendo de como sejam realizadas. A diferença básica é que no teatro o foco é a imagem, enquanto que na contação, é a palavra. As duas, no entanto, exigem preparação, estudo, ensaio. E é durante esta preparação que identificamos e definimos como serão usados os recursos internos e externos.

A intenção

Tudo o que dizemos está cheio de intenção. Quando amamos, lamentamos, discutimos, temos dúvida ou afirmamos. E como encontrar a intenção certa, em uma história?

A primeira intenção que passamos ao contar uma história está, portanto, relacionada às nossas próprias razões. Quando estamos presentes estamos inteiros, envolvidos.

Durante o estudo de uma história, é interessante atentar, ainda, para a intenção que a mesma quer passar. Sobre o que fala a história? Qual o seu foco? O que quer dizer cada parte, cada frase? Como são os personagens no início da história? Eles se transformam? Como se sentem? São perguntas importantes que devem ser respondidas antes de a história ser contada a um público. A intenção na fala, em cada momento da narrativa, vem diretamente daí. Cabe ao narrador experimentar e decidir o que se aplica melhor à sua intenção inicial.

“

Antes de querer saber como contar, é preciso compreender que as técnicas resultam de um processo de elaboração de presença, que começa com a pergunta: por que contar?

Regina Machado

”



O ritmo

Toda fala tem uma musicalidade própria. Do mesmo modo deve ser a narrativa: cadenciada, respirada e, principalmente, sentida. Em sua curva melódica é possível perceber, entre outras coisas, se o texto, ao ser lido ou narrado, se apresenta mais acelerado ou mais lento, se as frases são emendadas ou se há uma distância entre elas, quando está mais calmo ou nervoso ou apressado ou irritado. Ritmo tem a ver com tempo, velocidade, volume e força.

Quando a fala tem um ritmo, as imagens são construídas mais facilmente na mente de quem ouve e mesmo, de quem lê/conta. Quando não, torna-se monótona e elas desaparecem. Um exemplo simples: quem nunca leu algo e, ao final de um parágrafo, por exemplo, teve que voltar ao início, pois já não sabia do que se tratava? Isso acontece porque o leitor não respirou junto com o texto lido. Através da respiração é descoberto o ritmo. Um estudo mais detalhado pode mostrar diferentes possibilidades de ritmos em uma história. Assim como a intenção, esta é uma decisão do narrador.



Assentamento Valparaíso - Tianguá/CE

Comunidade de Atins- Barreirinhas/MA



A pausa

Pausa tem a ver com ritmo que tem a ver com intenção. E tudo tem a ver com respiração; tudo está interligado. Se eu respiro bem descubro a intenção e com ela o ritmo. Sabendo o ritmo eu descubro onde pausar. Mas o caminho inverso também é possível. Não existe uma ordem, uma lógica. Tudo é sentido; vem naturalmente conforme leitura e investigação avançam.

A importância da pausa é dar ritmo e assegurar a intenção. Ela interfere na velocidade e na cadência da narração. Novamente, é durante o estudo da história que as pausas serão descobertas. Onde estarão e se serão mais longas ou breves é uma descoberta a ser feita através de experimentações. Não se deve se conformar com a primeira possibilidade. Muitas outras podem surgir e se mostram interessantes. É possível apenas memorizá-las ou mesmo marcá-las no texto escrito. O importante é conhecer sua história e o que você resolveu fazer com ela.



Olhar e gesto

E o gesto? Está claro que gesticulamos. Seja durante uma discussão ou para explicar algo ou mesmo quando pensamos e falamos sozinhos nos valemos dos gestos. Por quê? Porque eles fazem parte de nós e é impossível ignorá-los.

A natureza é maravilhosa e deu a cada pessoa um corpo do qual pode desfrutar da melhor maneira. Conhecer o próprio corpo e suas possibilidades é o primeiro passo para trabalhar com ele. Hoje, complementares da fala, os gestos são, certamente, a primeira forma de comunicação humana e se tornam obsoletos e cada vez mais desprezados com o avanço da tecnologia que afasta as pessoas do contato físico.

Como recurso ou técnica na contação de histórias, podem ser simples ou elaborados. Mas é importante que sejam precisos. E se façam necessários. Mas como saber se um gesto é necessário ou não? Assim como todo o resto: experimentando. Esta é uma descoberta pessoal que acontece ao longo do processo de desenvolvimento/preparação da história. Os gestos surgem de maneira espontânea e devem ser lapidados à medida que o processo avança.



As técnicas de contação fazem com que os alunos se envolvam com a história e adquiram gosto pela leitura

Há uma premissa que diz: para um texto rico, gesto pobre e vice-versa. Como, na contação de histórias o foco é a palavra, os gestos devem ser muito bem pensados. Gestos exagerados desviam a atenção da história. Se precisarem existir, devem ser precisos. Se usados apenas para ilustrar algo que é falado se tornam desnecessários, podendo até enfraquecer a narrativa.

Assim como os gestos, o olhar tem grande importância quando se conta uma história. Pode-se ganhar ou perder uma plateia pelo olhar. Ao olhar para o ouvinte, o narrador faz um convite e, quando correspondido o olhar, o convite é aceito. Neste momento uma relação se estabelece. Eles estão juntos naquele momento e partilham o que acontece. E, se não parece fácil, a princípio, encarar uma plateia, vale lembrar que tudo é prática e exercício.

ANOTE AÍ:

Os gestos devem complementar a narrativa, mostrar o que não é dito ou reforçar uma ideia.



A primeira regra para a aplicação dos recursos é: não existe regra, para começar. Tudo é possível, desde que faça sentido e seja coerente ou verossímil. A maneira “correta”, cada narrador deve encontrar durante o estudo e a preparação.

O bom narrador é sensível ao que narra, seja numa leitura ou de memória, e se deixa conduzir pela história para saber a intenção e o ritmo que a história pede, como e quando deve se movimentar e olhar para seu público. E o mais importante: um narrador só envolve o público se estiver envolvido. Daí a importância de conhecer a história que vai contar e gostar do que e como vai fazer. E, claro, se divertir.



Materiais de apoio fortalecem o interesse pela leitura

Sobre os recursos externos: é importante ressaltar que estes devem estar a serviço da história. Não se trata de fazer teatro, e sim de narrar. Às vezes são tantas coisas utilizadas que desviam a atenção do fio da narrativa, promovendo um show de estimulação sensorial. O que quer que seja escolhido para se utilizar no momento da contação de histórias (objetos, instrumentos e outros) deve dialogar com a própria história, contando-a de outros pontos de vista, aticando as imagens internas dos ouvintes, desafiando sua percepção. Os recursos externos se dão na complementação dos recursos internos e envolvem a preparação do narrador.



Interações musicais enriquecem a contação de histórias

Para finalizar...

Ser reflexivo é gesto que se aprende. Por isso mesmo, a leitura, os livros e a biblioteca demandam formação permanente e devem ter como princípio formar o leitor, contribuindo para a contínua superação de seus limites. A medida de valor está, não no tamanho do acervo de uma biblioteca, na quantidade de atendimentos, na diversidade de promoções ou na modernidade dos recursos - mesmo que tudo isso seja desejável -, mas no quanto a leitura, os livros e a biblioteca contribuem para o adensamento da cultura, da disseminação do conhecimento e a afirmação da consciência individual e coletiva - enfim, para a formação do leitor.

Instituto Brasil Solidário - Equipe de Incentivo à Leitura



Referências Bibliográficas

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1991.

BARRETO, Cintia. Biblioteca escolar: rancos e avanços. Disponível em: <<https://tudosobreleitura.blogspot.com/2011/04/biblioteca-escolar-rancos-e-avancos.html>>. Acesso em: 20 de agosto de 2020.

BRITTO, Luiz Percival Leme. No lugar da leitura - biblioteca e formação [recurso eletrônico] / Luiz Percival Leme Britto; Rio de Janeiro: Edições Brasil Literário, 2015. Recurso digital.

BRITTO, Luiz Percival de Leme. Qual a biblioteca dos sonhos. 22 de ago. de 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z64-RK-FuJSU>. Acesso em: 20 de maio de 2020.

BUENO, Silveira. Minidicionário da língua portuguesa. São Paulo: FTD, 2000.

CAMPELLO, Bernadete et al. A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

COELHO, Nelly Novaes. Literatura infantil: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

FARIA, Maria Alice. Como usar a literatura infantil na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2004.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler, em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2002.

KLEIMAN, Angela B. Oficina de leitura. São Paulo: Cortez, 1993.

_____. Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura. 2^a ed. Campinas: Pontes, 1992.

KUHLTHAU, Carol. Como usar a biblioteca na escola: um programa de atividades para o ensino fundamental. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LAJOLO, Marisa. Literatura: leitores & leitura. São Paulo: Moderna, 2001.

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. Literatura infantil brasileira – história & histórias. São Paulo: Ática, 2003.

_____. Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: história, autores e textos. São Paulo: Global, 1986.

MACHADO, Ana Maria. Balaio: livros e leitura. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

_____. Como e por que ler os clássicos universais desde cedo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MACHADO, Regina. Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2004.



MARTINS, Maria Helena. O que é leitura? São Paulo: Brasiliense, 2006.

MIGUEZ, Fátima. Nas arte-manhas do imaginário infantil: o lugar da literatura na sala de aula. Rio de Janeiro: Zeus, 2000.

PAULO, José Maria & OLIVEIRA, Maria Rosa D. Literatura infantil: voz de criança. São Paulo: Ática, 2003.

PENNAC, Daniel. Como um romance. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PRADO, Janson e CONDINI, Paulo (Org.). A formação do leitor: pontos de vista. Rio de Janeiro: Argus, 1999.

SANDRONI, Laura & MACHADO, Luiz Raul (org.). A criança e o livro. 3^a ed. São Paulo: Ática, 1991.

SILVA, Waldeck Carneiro da. Miséria da biblioteca escolar. São Paulo: Cortez, 2003.

VARGAS, Suzana K. de. Leitura: uma aprendizagem de prazer. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

ZILBERMAN, Regina. Como e por que ler a literatura infantil brasileira. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.



Conteúdo protegido - Proibida a reprodução sem créditos ao Instituto Brasil Solidário
para fotos ou contextos de projetos apresentados

